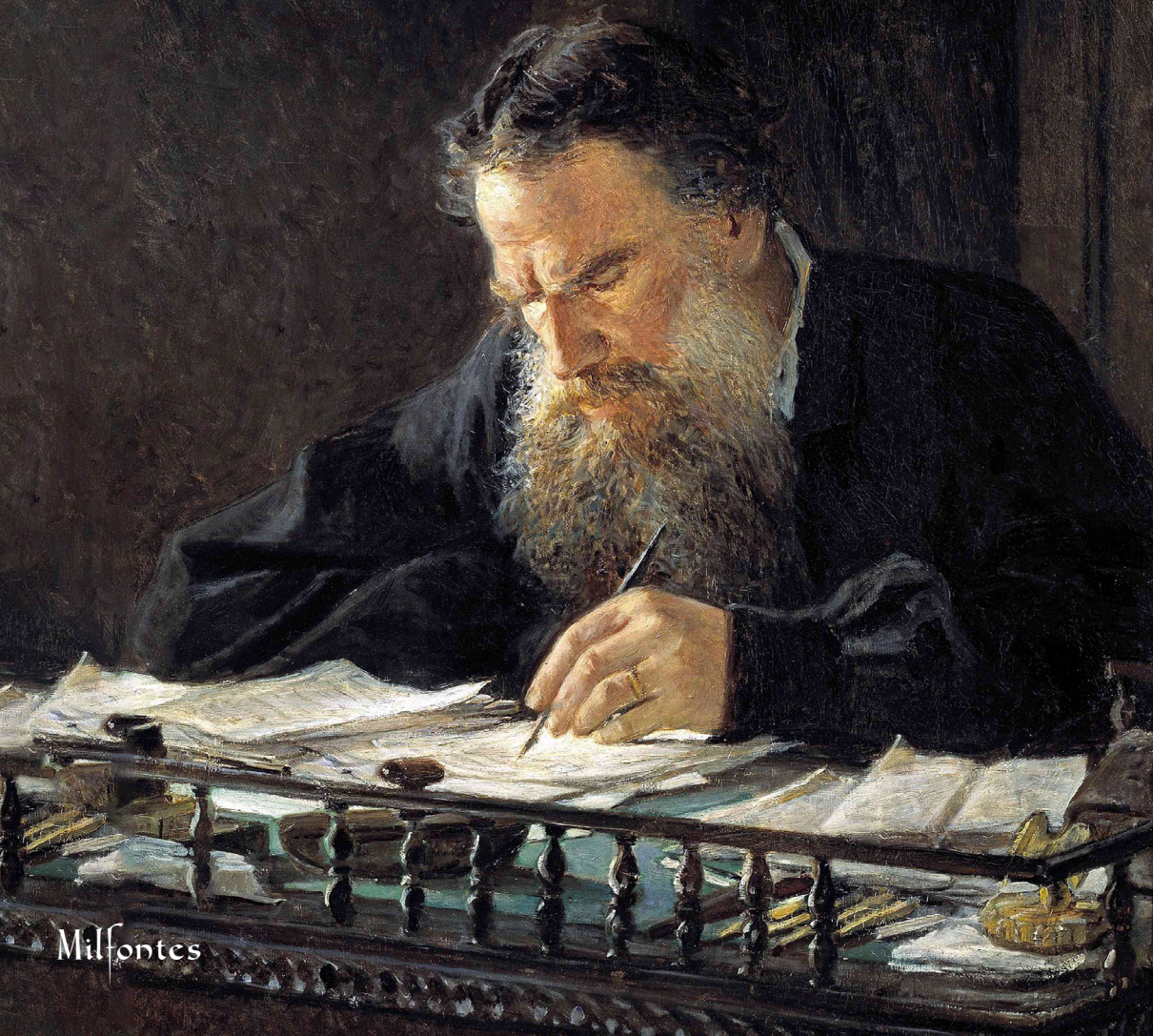


Da Explicação à Narrativa

João Rodolfo Munhoz Ohara
(ORGANIZADOR)

teoria e filosofia da história
no mundo anglo-saxônico



Da Explicação à Narrativa



Copyright © 2021, João R. M. Ohara.

Copyright © 2021, Editora Milfontes.

Rua Carijós, 720, Lj. 01, Ed. Delta Center, Jardim da Penha, Vitória, ES, 29.060-700.

Compra direta e fale conosco: <https://editoramilfontes.com.br>

Distribuição nacional em: www.amazon.com.br

editor@editoramilfontes.com.br

Brasil

Editor Chefe

Bruno César Nascimento

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (UFU)
- Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior (UNICAMP)
- Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (UFRGS)
- Prof. Dr. Cristiano P. Alencar Arrais (UFG)
- Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS)
- Prof. Dr. Eurico José Gomes Dias (Universidade do Porto)
- Prof. Dr. Fábio Franzini (UNIFESP)
- Prof. Dr. Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University)
- Prof^ª. Dr^a. Helena Miranda Mollo (UFOP)
- Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira (UFES)
- Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (UFES)
- Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS)
- Prof^ª. Dr^a. Karina Anhezini (UNESP - França)
- Prof^ª. Dr^a. Maria Beatriz Nader (UFES)
- Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (UFOP)
- Prof^ª. Dr^a. Rebeca Gontijo (UFRRJ)
- Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello (UNESPAR)
- Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (Unicamp)
- Prof. Dr. Valdeci Lopes de Araujo (UFOP)
- Prof^ª. Dr^a Verónica Tozzi (Univerdidad de Buenos Aires)

JOÃO R. M. OHARA
(Organizador)

Da Explicação à Narrativa

Teoria e filosofia da história no
mundo anglo-saxônico



EDITORA MILFONTES
Vitória, 2021

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

Revisão

De responsabilidade exclusiva dos organizadores

Capa

Imagem da capa:

Autor: não citado, logo, tenho declarado que não existe intenção de violação de propriedade intelectual

Semíramis Aguiar de Oliveira Louzada - *aspectos*

Projeto Gráfico e Editoração

Anderson Patrick Ferreira Alves

Impressão e Acabamento

Maxi Gráfica e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O36e OHARA, João Rodolfo Munhoz.

Da explicação a narrativa: teoria e filosofia da história no mundo anglo-saxônico/ João Rodolfo Munhoz Ohara
Vitória: Editora Milfontes, 2021.
233 p.: 23 cm.

ISBN: 978-65-86207-96-5

1. Teoria da História 2. Filosofia da História 3. Anglo-saxônico
I. OHARA, João Rodolfo Munhoz II. Título.

CDD 901

Sumário

“É só teoria”: um prefácio	7
<i>Arthur Lima de Ávila</i>	
Introdução.....	13
<i>João Rodolfo Munhoz Ohara</i>	
A Ciência Universal de Carl Gustav Hempel.....	25
<i>Sérgio Campos Gonçalves</i>	
A Importância de R. G. Collingwood para a Filosofia Contemporânea da História.....	35
<i>Jonas Ahlskog</i>	
“Não pode haver histórias não contadas”: consciência e processualidade na filosofia da história de Louis Mink	59
<i>Marcus Telles</i>	
Uma Aplicação da Filosofia da Arte de Arthur Danto aos Problemas da Demarcação entre a Narrativa Literária e a “Meramente” Histórica.....	97
<i>Verónica Tozzi Thompson</i>	
Hayden White e a Crise do Historicismo.....	127
<i>Herman Paul</i>	

Frank Ankersmit: a transfiguração da narrativa em representação histórica.....151

Jonathan Menezes

Escapando dos Limites da História: Keith Jenkins..... 175

Kalle Pihlainen

A Filosofia Analítica da História de Paul Roth: da crítica à constituição..... 201

Eugen Zelenák

Sobre os Autores..... 219

“É só teoria” um prefácio

Arthur Lima de Ávila

What will happen to me has not yet happened. I am a blind spot hurtling with both eyes open into the maw of the future, my password “And then?”. (...) But this, like so much else about me, is only theory.

– J. M. Coetzee, *In the Heart of the Country*, 1982

“Da explicação à narrativa”: poucos títulos sintetizam tão bem os dilemas da teoria da história dos últimos cinquenta ou sessenta anos. Para alguns historiadores, essa seria uma trajetória de decadência, marcando a “lamentável” influência de filósofos e críticos literários nos afazeres da disciplina. Para outros, esse foi um movimento de progresso, pois teria “libertado” a guilda de suas ilusões insustentáveis acerca de sua “cientificidade” e “objetividade”. E, finalmente, para um terceiro grupo, se grupo é, tal momento fora apenas um “desvio teórico” felizmente encerrado com o diligente retorno aos arquivos, às fontes e à “realidade dos fatos”. Seja como for, essas contendas, sobretudo na/da/sobre a tradição anglo-saxônica (e da linguistic turn por ela inspirada), deixaram um legado incontornável no cenário historiográfico contemporâneo. Apesar disso, a discussão em si, para além de suas caricaturas ou espantalhos, não é tão conhecida no Brasil (efeito de nossa exagerada francofilia historiográfica?). Por isso, só por trazê-la aos olhos de uma nova audiência, essa obra já seria necessária – mas as razões

(políticas, teóricas, historiográficas) para sua importância, creio, não param por aí.

Se a segunda metade do século XX, mais ou menos, foi a “Era da Teoria” nas Ciências Humanas, as circunstâncias atuais são substancialmente diferentes. Não são poucos seus obituários que circulam por aí, nos lembra Byung-Chul Han¹; nesses dias marcados por uma obsessão tecnológica (e a panaceia do Big Data), aceleração temporal, financeirização da vida e por ataques à legitimidade, quando não à existência das Humanidades, a teoria parece ter se tornado um luxo supérfluo (“é só teoria!”) – afinal de contas, o que ganharíamos meditando sobre temas tão esotéricos como a “explicação histórica”, “a transfiguração da narrativa em representação”, a “gramática dos eventos”, “tropos” e coisas do tipo? Essa postura anti-teórica é integral à nossa (triste) paisagem intelectual, repleta destas admoestações, e talvez revele uma das origens da falência da imaginação que acomete nossas sociedades: é como se devêssemos parar de especular, parar de pensar, parar de indagar e aceitar a “realidade em si” – o gesto conservador, reacionário mesmo, por excelência. Desta forma, é fundamental insistir na relevância política da reflexão teórica, porque, se ela não promete nada, ao menos nos dá instrumentos para lutar contra tamanha pobreza imaginativa. O percurso da tradição anglo-saxônica, “da explicação à narrativa”, é, aqui, paradigmático desse processo de desnaturalização de determinados sentidos e da abertura, principalmente com os trabalhos pioneiros de Hayden White, Arthur Danto e Louis Mink, de todo um universo de indagações às vezes sequer concebido pelos seus antecessores. As suas investigações sobre o que conferiria à historiografia seu caráter “científico”; sua relação com a arte e as outras ciências; a conversão dos dados empíricos em uma estória; a centralidade do “conteúdo da forma”, da “explicação narrativa” ou da “sintaxe dos acontecimentos” para a labuta historiográfica; e, por fim, as implicações ideológicas de qualquer texto, a despeito de suas pretensões à cientificidade, continuam tendo uma indubitável potência política na medida em

¹ HAN, Byung-Chul. *Psychopolitics*. London: Verso, 2017. p. 56-59.

que permitem, retornando a Joan Scott, visualizar os “pontos cegos” (o que é dado) de um sistema, isto é, tudo aquilo que foi reificado e tomado como dado por seus integrantes.² Por isso, é impossível separar a teoria da história desse papel crítico crucial – sem ele, ela não serviria de muita coisa para nosso ofício (e talvez por isso exista, ainda, uma forte resistência a ela nas searas de Clio...).

Um reengajamento com a tradição anglo-saxônica implica, assim, na recuperação de tópicos centrais à teoria da história, especialmente concernentes a seus problemas perenes: a linguagem, a representação, o estatuto de nossas explicações sobre o pretérito, a relação entre “fatos” e “valores” e a dimensão estética-ética da historiografia (por outro lado, preocupações com o tempo e gênero são relativamente raras nessas produções... um sinal de seus tempos e gêneros?). Esses são, insisto, temas de primeira ordem para os historiadores ou historiadoras, não só para os “teóricos/teóricas”: através deles, podemos inquirir sobre o que nem sempre é devidamente inquirido, além de reprimido, por uma concepção de teoria da história que a reduz, para parafrasear Fredric Jameson³, ao “andaime metodológico” de nossas investigações. Se existe, e acredito que exista, um “essencialismo disciplinar” assentado em um “fetichismo metodológico”⁴ que resume a disciplina às suas andanças pelos arquivos, então o resgate das várias ponderações dos “anglo-saxões”, do empirismo lógico de Carl Hempel às incursões de Paul Roth pela questão do status da narrativa histórica, é um salutar contraponto porque não trata a história enquanto um “domínio” (para recordar de um famoso livro brasileiro...) a ser defendido a todo custo, mas um mundo a ser explorado sem medo, nem que seja para voltarmos ao conforto do lar – se nunca saímos dele, por que o valorizaríamos?

² SCOTT, Joan W. History-writing as critique. In: MORGAN, Susan; JENKINS, Keith; MUNSLOW, Alun (eds.). *Manifestos for History*. London: Routledge, 2007, p. 23.

³ JAMESON, Fredric. *The Political Unconscious: narrative as a socially symbolic act*. London: Routledge, 2002, p. 132.

⁴ KLEINBERG, Ethan; SCOTT, Joan W. & WILDER, Gary. Teses sobre Teoria e História (2018). Disponível em: https://www.academia.edu/36775977/Teses_sobre_Teoria_e_Hist%C3%B3ria_TRADU%C3%87%C3%83O.

Além disso, esse volume é uma oportunidade para corrigirmos usuais má-compreensões e equívocos relacionados a uma duvidosa leitura, inspirada nos alarmismos de Roger Chartier, Carlo Ginzburg, Lynn Hunt e, por aqui, Ciro Cardoso (para citarmos só quatro), dessa tradição anglo-saxônica (com todas suas idas e vindas), particularmente dos chamados “narrativistas”. Conhecemos o enredo: durante anos, a historiografia disciplinada fora um empreendimento (mais ou menos) científico, ancorado numa sólida base empírica-conceitual e capaz de nos dizer a verdade sobre os acontecimentos progressos; essas certezas, entretanto, foram atacadas pelos “relativistas céticos” com seu “nihilismo pós-moderno”, sua redução da “história a um texto”, suas “irresponsabilidades” e, mal dos males, sua permissividade quanto aos “negacionismos fascistas”. Quantos estudantes de história não ouviram essas excomunhões replicadas à exaustão? Ocorre, contudo, que essa descrição é muito mais resultado de uma disposição neurótica-policial, segundo Scott, do que de um real confronto com os argumentos levantados por autores como White, Mink, Ankersmit, Roth e Jenkins, com todas suas diferenças.⁵ Lê-los sob esse prisma é simplesmente errado, malgrado a persistência desse erro por essas paragens (sustentada pela autoridade institucional de seus propagadores originais). Esperançosamente, os textos aqui reunidos, tanto através do que fazem quanto com o que dizem (nos termos de Ewa Domanska),⁶ servirão para dirimir tais mal-entendidos, abrir um diálogo franco e honesto com essa tradição e fomentar usos responsáveis dela – o estímulo à crítica, não a aceitação acrítica, portanto.

Mas um prefácio é apenas isso: um prefácio. Não quero guiar a leitora, nem contaminar suas possíveis leituras com as minhas, nascidas de interesses, ansiedades e inquietações que me são próprias. De todo modo, esse (já obrigatório) livro organizado por João Obara é uma adição preciosa às discussões historiográficas realizadas no Brasil de hoje, pois, no fundo, revela o motivo de tanto desconfor-

5 SCOTT, Joan W. *Border Patrol. French Historical Studies*, Durham, v. 21, n. 3, p. 383-397, 1998.

6 DOMANSKA, Ewa. *Historiographical criticism: a manifesto*. In: MORGAN, Susan; JENKINS, Keith; MUNSLOW, Alun. *Manifestos for History... Op. cit.*, p. 203.

to com a teoria da história, fora ou dentro da disciplina: ela ousa questionar e fazer “os significados deslizarem”⁷ de lugares dados de antemão (com toda a carga de incertezas que isso acarreta), não sendo, jamais, “só teoria”. Não sei se o futuro da humanidade depende dessa conclusão (acho que não); mas o futuro dos historiadores e historiadoras, diante de toda a miséria imaginativa que nos cerca, certamente depende. Ohara, e os autores e autoras por ele compilados, o sabem. E essa, por si só, é uma contribuição inestimável – é uma maneira, enfim, de fazer história e não “só teoria”.

⁷ BROWN, Wendy. *Politics Out of History*. Princeton: Princeton University Press, 2001, p. 41.

Os leitores encontrarão em *Da Explicação à Narrativa* um esperado panorama cronológico e temático da tradição anglo-saxônica relativa à teoria da história, conhecida como filosofia analítica da história. Essa intensa e contínua reflexão ficou à margem do pensamento historiográfico nacional durante todo o século XX, rebaixada que foi seja pelo afã empirista, pelo viés continental (em oposição ao analítico) de nossa cultura historiográfica, seja pelo filtro ideológico-político. O leitor saberá, entre outras lições, que Collingwood já pertencia a esta tradição, que o confronto entre história e literatura não é patente dos pós-modernistas franceses, e que as teses de Hayden White são uma variedade de narrativismo. E, enfim, se é forçoso constatar que, salvo contribuições mais recentes, o desconhecimento dessa tradição perfaz lacuna e defasagem evidentes em nossa formação, este livro vem cumprir o objetivo de acertarmos o passo com a renovação da filosofia analítica em curso lá fora.

Prof. Dr. Hélio Rebello Cardoso Jr.
Professor de Teoria da História, Unesp

www.editoramilfontes.com.br

ISBN: 978-65-86207-96-5



9

786586

207965